10.33208/PC1980-5438v038e017

Relações triangulares em gêmeas adultas: Análise de fatos clínicos psicanalíticos

Triangular relationships in adult twins: Analysis of psychoanalytic clinical findings

Relaciones triangulares en gemelas adultas: Análisis de hechos clínicos psicoanalíticos

Rafael Pedro Rodrigues [1]
Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis [2]

Resumo

A gemelaridade consiste em um fenômeno biológico; entretanto, desde o início da vida, os gêmeos vivenciam situações diferentes daquelas ocorridas com singulares (quando há um só bebê por gestação). As interações estabelecidas entre cada cogêmeo e seus familiares apresentam nuances específicas que podem reverberar ao longo da vida dos gêmeos. Esta pesquisa tem por objetivo investigar as vivências emocionais apresentadas por gêmeas adultas atendidas em psicoterapia psicanalítica breve, bem como refletir sobre como essas questões afetam seus relacionamentos. Foram analisados os relatórios clínicos relativos aos processos psicoterapêuticos conduzidos com quatro mulheres, integrantes de dois pares de gêmeas. Cada uma das gêmeas de cada par foi atendida por psicoterapeutas diferentes, a fim de preservar a individualidade de cada uma. O método de construção de fato clínico psicanalítico foi utilizado para analisar os dados coletados, o qual possibilitou refletir sobre as relações triangulares vivenciadas pelas cogêmeas ao longo da vida, tanto na família, quanto nas amizades.

Palavras-chave: gêmeos; psicanálise; psicoterapia breve; fatos clínicos.

[1] Especialista em Fundamentos da Psicanálise: Teoria e Clínica pelo Instituto ESPE (Ensino Superior em Psicologia e Educação), Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente da graduação em Psicologia da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) Anhanguera, Londrina, PR, Brasil. https://orcid.org/0000-0003-0975-7870 — email: rafaelpedropsico@gmail.com

[2] Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) do Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil.
https://orcid.org/0000-0002-3466-4150 — email: bethtavares@uel.br

Abstract

Twinship is a biological phenomenon; however, from the beginning of life, twins experience situations different from those of singletons (when there is one baby only per pregnancy). The interactions established between each co-twin and their family members present specific nuances that may reverberate throughout the twins' lives. This study aims to investigate the emotional experiences presented by adult female twins undergoing brief psychoanalytic psychotherapy, as well as to reflect on how these issues affect their relationships. Clinical reports related to psychotherapeutic processes conducted with four women, members of two pairs of twins, were analyzed. Each co-twin within a pair was treated by different psychotherapists, in order to preserve their individuality. The psychoanalytic clinical fact construction method was used to analyze the collected data, making it possible to reflect on the triangular relationships experienced by the co-twins throughout their lives, both within the family and in friendships.
Keywords: twins; psychoanalysis; brief psychotherapy; clinical facts.

Resumen

La gemelaridad consiste en un fenómeno biológico; sin embargo, desde el inicio de la vida, los gemelos experimentan situaciones diferentes a las de los hijos únicos (cuando hay un solo bebé por gestación). Las interacciones establecidas entre cada cogemelo y sus familiares presentan matices específicos que pueden repercutir a lo largo de la vida de los gemelos. Esta investigación tiene como objetivo indagar las vivencias emocionales presentadas por gemelas adultas atendidas en psicoterapia psicoanalítica breve, así como reflexionar sobre cómo estas cuestiones afectan sus relaciones. Se analizaron informes clínicos relativos a procesos psicoterapéuticos realizados con cuatro mujeres, integrantes de dos pares de gemelas. Cada una de las gemelas de cada par fue atendida por psicoterapeutas distintos, con el fin de preservar la individualidad de cada una. Se utilizó el método de construcción del hecho clínico psicoanalítico para analizar los datos recolectados, lo cual permitió reflexionar sobre las relaciones triangulares vivenciadas por las cogemelas a lo largo de la vida, tanto en la familia como en las amistades.
Palabras clave: gemelos; psicoanálisis; psicoterapia breve; hechos clínicos.

Introdução

Ao consultar o número de nascimentos ocorridos no Brasil entre 2010 e 2022, é possível perceber que aumentou a ocorrência de gêmeos. Em 2010, os nascimentos gemelares ocorreram em 1,86% das gravidezes e, em 2022, 2,23% (IBGE, 2010, 2022). Há a hipótese de que os tratamentos para infertilidade possam favorecer a ocorrência de gravidez gemelar (Reis, 2015; Tavares, 2007), o que explicaria o aumento dessas gestações nos últimos anos, enquanto a taxa de natalidade cai.

Tendo em vista a ampliação dos nascimentos de gêmeos, é importante refletir a respeito das vivências emocionais dos indivíduos gêmeos em diferentes situações, tais como socioculturais, relação familiar, relacionamento entre os cogêmeos, relação entre a mãe e os filhos e vivências escolares (Gallo et al., 2020). Os gêmeos passam por situações que interferem em seus processos emocionais e afetam seu desenvolvimento, as quais não são vivenciadas por crianças singulares, vivências decorrentes da forma como são tratados por pais, educadores e outras pessoas de seu convívio (Joseph, 1975; Ramos, 2021; Sheerin, 1991; Stewart, 2003; Vieira & Branco, 2010). Segundo Winnicott (1964/1982), é comum que gêmeos não sejam reconhecidos como pessoas diferentes, com sua própria singularidade e individualidade. Alguns autores (Candeias, 2013; Ramos, 2021; Reis, 2015) consideram que, em função de ser esperada apenas uma criança no início da gravidez, a representação mental dos filhos gêmeos como se houvesse um único bebê pode ser mantida. Dessa forma, fantasias de que os filhos gêmeos são um produto fragmentado, duas partes de um mesmo ser, podem se formar. Tais fantasias reverberam na forma de perceber a si mesmo e o respectivo cogêmeo.

Reis (2015) considera a possibilidade de as relações triangulares se estabelecerem entre gêmeo, cogêmeo e pai e mãe, o que amplia as circunstâncias de relações triangulares para além das configurações clássicas – mãe e filho em estado simbiótico enquanto o pai se torna um terceiro excluído. Assim, gêmeo e cogêmeo podem ocupar o mesmo lugar na relação triangular, vinculados à mãe e tendo o pai como terceiro excluído, como observado por outros autores (Candeias, 2013; Ramos, 2021), em que os gêmeos seriam percebidos como ocupando um só lugar.

Outra possibilidade seria a de gêmeo e cogêmeo se vincularem em dois vértices da triangulação, enquanto pai e mãe ocupariam o lugar de terceiro excluído. Esse tipo de configuração ressoa com outros autores (Candeias, 2013; Gallo et al., 2020; Marquez, 2008; Mauer, 2021; Schmidt, 2016; Sheerin,

1991), que apontam a possibilidade de, diante das falhas e faltas da figura materna, desenvolverem uma fantasia de fusão, na qual o cogêmeo aparece como alternativa para suturar essa falta. No entanto, como consequência, poderia haver dificuldade em desenvolver uma individualização e separação do cogêmeo. Mauer (2021), por outro lado, frisa o quanto essa aliança pode ser benéfica em casos em que cogêmeos não contam com uma base de cuidado, o que possibilita, assim, o desenvolvimento e a maturação que, em outras condições, não seriam possíveis ou seriam mais dificultados.

Por fim, há uma configuração em que gêmeo e cogêmeo ocupam um vértice cada e uma das figuras parentais (pai ou mãe) ocupa a outra. Nessa formação há a possibilidade de gêmeo e cogêmeo estarem vinculados e a figura parental excluída, como na configuração anterior, mas também a possibilidade de um dos cogêmeos se vincular com a figura parental, enquanto o outro se percebe como terceiro excluído na relação (Reis, 2015). Esse tipo de configuração se assemelha à saída melancólica, citada por Morgenstern e Gueller (2018), na qual o cogêmeo que se encontra na posição de terceiro excluído, diante da necessidade de conquista ou competição pelo amor dos pais, retira-se em benefício do outro. Isso denota a possibilidade de apenas um deles acessar tanto as figuras parentais quanto posteriores objetos de que necessitem, em circunstâncias em que haja competitividade. Freud (1920/2011) já havia mencionado, em nota de rodapé, um caso de irmãos gêmeos que tinham um funcionamento semelhante, em que um desistiu das posses amorosas em benefício do cogêmeo.

A chegada de gêmeos impõe à família uma série de demandas psíquicas que ultrapassam as já complexas exigências da parentalidade singular. Szejer e Stewart (1997) descrevem o sentimento de catástrofe que frequentemente acomete a mulher e os pais na descoberta de uma gravidez múltipla ou gemelar, impacto que pode ser proporcional ao número de filhos anunciados. Tavares (2007) ressalta que uma gravidez gemelar tende a interferir na dinâmica familiar de forma mais intensa do que o nascimento de um filho singular. Isso se dá por questões que envolvem dificuldades financeiras, distúrbios no relacionamento entre cônjuges ou entre pais e filhos, sobrecarga de tarefas domésticas e no cuidado com os filhos. Assim, as dificuldades vivenciadas pelos pais não são apenas de ordem psíquica e representacional, mas também de ordem prática do cotidiano.

Pensando nessas tarefas de cuidado, Winnicott (1964/1982) aponta a impossibilidade de a mãe satisfazer todas as necessidades de dois ou mais bebês ao mesmo tempo. Nesse sentido, um sempre terá de se defrontar com o outro

cogêmeo ao demandar ou receber os cuidados maternos, pois, desde o nascimento, o cuidado é dividido entre duas ou mais crianças. Levando em conta essa impossibilidade, a maternidade gemelar não implica tratar cada filho de maneira idêntica, mas sim como seres únicos: considerando sua própria unicidade, reconhecendo suas diferenças e suas demandas, que podem ser distintas um do outro.

Entretanto, como frisa Tavares (2007), frequentemente os pais apresentam dificuldades em sustentar uma diferenciação entre filhos gêmeos, que comumente são referidos como "eles", "elas", "os bebês", "as crianças", "as gêmeas", como se fossem uma unidade e estivessem sempre juntos. Freud (1914/2010) descreveu como os pais tendem a investir nos filhos o narcisismo que foram obrigados a abandonar, ao longo do próprio desenvolvimento: a criança torna-se depositária do ideal não realizado, herdeira de uma perfeição que os pais projetam sobre ela. Esse mecanismo tem consequências diretas sobre a formação do superego – instância que, conforme Freud (1923/2011), se constitui pela internalização das exigências, proibições e ideais parentais, e se torna assim herdeiro do narcisismo dos pais. Na gemelaridade, tal processo adquire outra dimensão, como apontado por Reis (2015), já que a presença de dois filhos pode mobilizar nos pais sentimentos narcísicos que os levam a perceber os cogêmeos como réplicas de uma mesma imagem idealizada pelo narcisismo. Com essas questões em vista, é possível pressupor que o ideal projetado sobre gêmeos não contempla a singularidade de cada criança e que o superego de cada cogêmeo se constitui a partir de um ideal parental que não se endereça a ele como indivíduo, mas ao par como uma unidade.

Um desenvolvimento saudável, ainda assim, é possível, quando os pais conseguem detectar as necessidades individuais de cada cogêmeo e percebê-los como pessoas únicas. Dessa maneira, cada criança também poderá compreender que seu cogêmeo não esgotará as fontes de cuidado dos pais – caso os acessem e consigam suportar quando o cogêmeo receber cuidados em detrimento de si mesmo (Reis, 2015; Tavares, 2007).

Considerando as peculiaridades do desenvolvimento emocional de gêmeos, especialmente no que tange às relações estabelecidas por gêmeo e cogêmeo, tanto entre si quanto no convívio com outros objetos, realizou-se o presente estudo, cujo objetivo consistiu em investigar as vivências emocionais apresentadas por gêmeas adultas atendidas em psicoterapia psicanalítica breve. Este estudo é derivado da dissertação de mestrado do primeiro autor, *Entre semelhanças e diferenças: Clínica psicanalítica com gêmeas adultas* (Rodrigues, 2025), sob a supervisão da segunda autora.

Método

Para a realização desta pesquisa foi utilizado o método psicanalítico de pesquisa, por meio da construção de fatos clínicos psicanalíticos. O termo fato clínico, que tem origem na medicina, implica uma dimensão humana, congrega aspectos relacionais e subjetivos (Quinodoz, 1994) os quais auxiliam no diagnóstico e no encaminhamento ou condução de cada caso. Por outro lado, a análise dos fatos clínicos considera conflitos emocionais, expressões sintomáticas, compulsão à repetição, transferência, contratransferência e quaisquer manifestações do inconsciente que colaborem para a construção do fato clínico psicanalítico (Quinodoz, 1994). A construção de um fato clínico psicanalítico implica na necessidade de, a partir da escuta clínica e análise segundo fundamentos da psicanálise, propiciar um sentido ao discurso do paciente (Donard, 2022; Quinodoz, 1994; Reis, 2022; Vollmer Filho, 1994). Cabe ressaltar que o fato clínico psicanalítico é observável enquanto fenômeno clínico, tal qual como na medicina, mas não considera apenas dados observáveis e objetivos, pois engloba aspectos relacionais, subjetivos e transferenciais (Quinodoz, 1994; Reis, 2022; Reis, Souza & Carlos, 2023). A construção do fato clínico psicanalítico tem sido utilizada não apenas no contexto do *setting* psicanalítico, mas como método de pesquisa, conforme mencionado por diferentes autores (Reis, Santos & Souza, 2023; Reis, Souza & Carlos, 2023; Wieczorek et al., 2020).

Participaram da pesquisa quatro jovens-adultas gêmeas, integrantes de dois pares de cogêmeas, e seus respectivos psicoterapeutas. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina (CEP-UEL), conforme parecer nº 5.626.302 (CAAE: 61222322.1.0000.5231).

Os atendimentos foram realizados na clínica psicológica de uma universidade pública na modalidade presencial, por meio de psicoterapia breve fundamentada na psicanálise. As pacientes foram informadas que a duração dos atendimentos seria de no máximo 15 sessões. Psicoterapeutas diferentes atenderam as cogêmeas de cada par, de forma a preservar a individualidade de cada uma. Ao final de cada sessão, os psicoterapeutas redigiam um relatório contendo falas de paciente e psicoterapeuta, bem como as percepções do psicoterapeuta.

Segundo Quinodoz (1994), é possível que, ao analisar os fatos clínicos de um mesmo caso, que psicanalistas diferentes "mesmo com formação similar em condições semelhantes, chegariam a interpretações diferentes do mesmo

fenômeno observado" (p. 624). A justificativa se dá pela subjetividade de cada psicanalista, aqui também na condição de psicanalista-pesquisador, e pela fundamentação teórica por eles utilizada na análise daquele fato.

Com tal consideração, o método de construção de fatos clínicos psicanalíticos, utilizado no presente estudo, priorizou a leitura dos relatórios de atendimento de cada caso como instrumento para a análise de dados (Reis, 2022; Reis, Santos & Souza, 2023; Reis, Souza & Carlos, 2023). A seleção de fatos clínicos ocorreu a partir da leitura dos relatórios e da seleção de trechos que os pesquisadores considerassem como fatos clínicos. Os relatórios de cada paciente foram lidos por quatro pesquisadores; para que determinado trecho fosse considerado um fato clínico psicanalítico era preciso haver o consenso de pelo menos três deles. Após validados, os fatos clínicos foram analisados a partir de conceitos psicanalíticos específicos e transformados em fatos clínicos psicanalíticos.

Análise de dados

Nos quatro casos atendidos foram detectados vários fatos clínicos. Para este estudo, foram selecionados e analisados apenas aqueles envolvendo as situações triangulares vivenciadas pelas cogêmeas de cada par. Optou-se por apresentar os fatos clínicos relativos às cogêmeas de cada par de forma conjunta, para demonstrar as peculiaridades do relacionamento gemelar tanto na vida familiar quanto nas relações interpessoais.

Diana e Selena: a favorita

Para as cogêmeas Selena e Diana, a questão da "filha favorita" se manifestou muitas vezes em ambas as psicoterapias individuais, já que cada uma acusa que a outra é priorizada pelos pais enquanto não sente que tem suas próprias necessidades ouvidas ou atendidas.

Selena brigou com os pais numa semana, pois, segundo ela, "eles tratam minha irmã de forma diferente, perguntam como ela está, se preocupam com ela, eles se preocupam como ela vai para aula e para mim ninguém pergunta como eu estou ou se preocupa em como vou para a aula". Diz que se sente como apoio para a irmã, mas que ela não faz o mesmo, nem os pais.

Sua queixa versa sobre sua percepção de que os pais priorizam sua cogêmea em detrimento dela própria, como se as necessidades de Diana fossem atendidas pelos pais enquanto as suas próprias fossem deixadas de lado. Tratando-se de

relações triangulares, é possível perceber como a triangulação ocorre com Diana num vértice e os pais noutro, enquanto ela se enxerga como a terceira excluída, como aquela que é deixada de lado em benefício da cogêmea (Reis, 2015).

Selena se descreve como alguém muito preocupada com o cuidado do outro, como uma "mãezona" que acolhe a todos e satisfaz suas necessidades. Durante as sessões de psicoterapia, uma queixa frequente é o quanto sente que o cuidado que direciona aos outros não retorna para si mesma. Essa queixa, presente também na relação entre a cogêmea, os pais e ela, também aparece quando se queixa de amizades. Selena toma grande parte da sessão falando sobre um amigo com quem se desentendeu. Diz que fazia muita coisa para ele: "eu parava tudo, e ajudava ele a fazer algumas contas, pra ensinar ele como que fazia"; "a família dele e ele não são daqui, quando ele se mudou para Londrina ele não sabia nem fazer mercado, eu fui com ele no mercado para ajudar ele". Selena diz que, quando houve o desentendimento, os amigos tomaram mais o lado do amigo do que o dela. Diz ainda "não estou também exigindo que eles ficassem do meu lado". Então foi perguntada: "mas supondo que você pudesse exigir, você gostaria que eles ficassem de qual lado?", ao que Selena respondeu "do meu lado".

Para Freud (1914/2010), investir amor em outra pessoa implica rebaixar o próprio narcisismo, rebaixamento que é recuperado ao ter o ser amado de volta. Essa relação é percebida em Selena, já que esta se percebe investindo seus cuidados em amizades e renunciando a si própria. Quanto à relação familiar, sente-se rejeitada por não ser a filha favorita e por não ter suas necessidades satisfeitas. A solução por ela encontrada consiste em se doar cada vez mais, na tentativa de receber de volta esse cuidado em alguma área de sua vida, mas encontra novamente o sentimento de rejeição e a insatisfação por não recebê-lo como gostaria.

Sua frustração, entretanto, parece vir de um lugar em que não há margem para discordância, já que menciona se sentir rejeitada pelos amigos, por eles não concordarem com ela numa discussão ocorrida. Segundo Lejarraga (2010), para uma amizade persistir, são necessárias a capacidade de destruição e reparação; a possibilidade de ser machucado e perdoar, de machucar e ser perdoado são requeridas. As amizades englobam uma série de sentimentos ambivalentes, em que discordâncias e discussões são sentidas como a ausência de amor, como impulsos agressivos direcionados contra ela. Esse sentimento vem como um reflexo da forma com que vivenciou a relação com os pais e a cogêmea.

Ao analisar os fatos clínicos vivenciados com Selena, é possível supor que Diana seja a filha que tem suas necessidades atendidas pelos pais mas, ao

escutá-la, constata-se que suas percepções destoam. Quando Diana fala sobre sua moradia, comenta: "é… na verdade meus pais alugaram ali por conta da minha irmã [gêmea], eu estudo do outro lado da cidade, para estudar preciso pegar ônibus, mas Selena não". Ela parece bem irritada quando diz isso, como se falasse para comprovar que os pais preferem sua cogêmea a ela.

Nesse sentido, Diana também se queixa de não ter suas próprias necessidades atendidas pelos pais e de que eles elegem Selena como a filha favorita. Assim como Selena, Diana se vê como a terceira excluída, com a cogêmea num vértice e os pais noutro, satisfazendo as necessidades dela.

Sua queixa também gira em torno do seu desempenho escolar. Enquanto Diana sempre teve muita facilidade em estudar e tirar notas boas, Selena por outro lado apresentava mais dificuldades quanto a isso, de forma que os pais faziam com que ajudasse sua cogêmea quando terminava seus estudos. Reclama que os pais não compreendiam como poderiam ser gêmeas e não terem o mesmo desempenho escolar. Conta que, em relação a isso, quando passou no vestibular para a faculdade, sua cogêmea ficou na lista de espera e os pais lhe solicitaram que não se matriculasse e entrasse só no ano seguinte, com a cogêmea.

> Eu sei que eles estavam tristes por ela, mas eles não conseguiam ficar nem um pouco feliz por mim. Eu passei numa ótima colocação, sabe? É uma conquista e eles não reconheceram isso. Eles até queriam que eu não me inscrevesse, deixasse para entrar em outro ano para que entrássemos juntas na faculdade. (Diana)

Nesse sentido, é possível perceber que os pais de Diana e Selena apresentavam dificuldades em estabelecer uma relação individual com cada cogêmea, de forma que esperam que elas fossem iguais em tudo, o que, segundo Gueller (2018), tende a ser comum em pais de gêmeos. Para Winnicott (1964/1982), todavia, essa tentativa de satisfazer igualmente ambas as filhas se torna uma tarefa impossível, considerando que, ao tratar as necessidades delas como iguais, ignoram que cada uma têm necessidades próprias.

A queixa de Diana também não é um caso isolado quando se trata de gêmeos. Lewin (1994) apresenta o caso de Senhorita D., que, ao ser contemplada com uma bolsa de estudos, foi impedida pelos pais de usufruí-la, pois sua cogêmea não teve a mesma oportunidade. Nesse sentido, percebe-se o quanto alguns indivíduos podem se sentir injustiçados por perderem algumas oportunidades porque seu cogêmeo não usufruiu da mesma conquista.

> Eu fiquei com medo de minhas amigas todas votarem nele, ficaria muito triste, então decidi que votaria nele também. Depois fiquei muito triste, porque algumas pessoas não o queriam, ele não se dá bem com todo mundo. Algumas dessas pessoas iriam votar em mim, mas, quando viram que nem eu votei em mim, votaram em outra pessoa. Alguns votos se mantiveram e eu vi que poderia ter tido alguma chance se tivesse concorrido. (Diana)

Diana utiliza uma saída melancólica (Freud, 1920/2011; Morgenstern & Gueller, 2018), isto é, se retira da posição de competição em benefício do outro. Esse fato clínico é muito pertinente para a queixa que faz em relação à cogêmea: enquanto a enxerga como a favorita dos pais, se vê como a filha sem valor. A situação se repete quando precisa competir por um cargo a ser decidido por votação, mas por medo de não ser escolhida pelas colegas, nem receber votos das amigas, se retira para se defender da possível frustração que isso geraria. A frustração, entretanto, se mantém presente quando percebe que teria chance de ter ganhado mesmo que não recebesse o voto das amigas.

As queixas de Selena e Diana são muito emblemáticas, considerando a constante pergunta: *quem é de fato a favorita?* Ao recorrer a Freud (1917/2014), é possível chegar à conclusão de que não se trata de buscar a realidade material – qual das duas é a favorita – pois a escuta clínica psicanalítica leva em conta a realidade psíquica do sujeito atendido, e em ambos os casos a realidade psíquica era que nenhuma das duas era a preferida dos pais. Tal realidade psíquica alimentava sentimentos de rivalidade entre ambas, bem como nas outras relações interpessoais por elas estabelecidas com outras pessoas.

Tendo em vista, entretanto, os estudos sobre gêmeos, pode-se considerar que o sentimento de não ser a *filha favorita* advinha do fato de seus pais não considerarem que Selena e Diana são sujeitos diferentes, com necessidades próprias e distintas. Levando em consideração as ideias trabalhadas por Freud (1914/2010, 1923/2011) e Reis (2015), observa-se que, nesse caso, ao projetarem sobre o par um ideal narcísico unificado, os pais não endereçaram a cada filha um lugar psíquico singular no próprio desejo. Por serem tratadas como uma unidade, nenhuma das duas pôde se reconhecer como a favorita, posição que, na fantasia de cada uma, era ocupada pela outra. Essa configuração colaborou para que cada filha ficasse sem um lugar próprio no desejo dos seus pais, e a disputa por esse lugar reverberou e se instalou na relação fraterna da própria díade gemelar.

No relato de ambas percebe-se o quanto os pais tentavam fazer com que as duas fossem uma, talvez motivados por fantasias inconscientes de que, como gêmeas, eram partes fragmentadas de uma mesma pessoa (Candeias, 2013; Ramos, 2021; Reis, 2015). Nesse movimento, as necessidades particulares de cada uma não eram reconhecidas nem satisfeitas, o que as levava a projetar que apenas sua cogêmea era atendida e compreendida pelos pais. Cabe aqui recordar e concordar com as colocações de Winnicott (1964/1982) de que, ao cuidar de filhos gêmeos, é preciso considerar as demandas próprias de cada um, sem tratá-los da mesma exata maneira, com medo que um deles possa ocupar ou usufruir o lugar de favorito.

Jaspe e Janice: a proteção fornecida pela gemelaridade

Jaspe e Janice apresentam uma queixa em comum, logo na primeira sessão de suas psicoterapias particulares: ambas sofreram com um padrasto violento, que as submetia a abusos sexuais.

> Minha família sempre me elogiou por nunca ter feito nada de errado, mas é claro que eu nunca fiz, qualquer coisinha que eu fazia de errado eu já apanhava um monte. Uma vez eu estava muito doente e minha tia me levou para o hospital. Quando voltei para casa fui falar que ela me levou no hospital e meu padrasto me deu um soco, por não ter esperado ele para me levar… se não fosse pela minha irmã, eu não sei como teria sobrevivido… ela que falou para minha tia sobre o que passávamos. Minha tia já suspeitava, tentou tirar de mim, mas eu nunca falei, tinha medo. (Jaspe)

Jaspe aborda algumas das violências cometidas por seu padrasto ao longo da infância, enquanto as gêmeas ainda residiam com ele e a mãe. Essa vivência repercutiu de forma intensa em sua vida. Ela alegava ter medo de figuras de autoridade, receio de ser punida por pequenos erros que cometia, bem como "traumas" decorrentes das cenas do passado vivenciadas com o padrasto. No fato clínico abaixo colocado percebe-se que o apoio da cogêmea foi importante para seu desenvolvimento, pois foi quem denunciou a violência e os abusos.

Janice relatou que a irmã também passou pelo mesmo tipo de abuso, mas que não se falavam quando acontecia. Só foram descobrir quando a tia pegou as duas para morar com ela. Janice disse que agora entende muita coisa; ela e a irmã sempre estavam juntas e acha que faziam isso até para se proteger e não ficarem

sozinhas com o padrasto. Uma encobria a outra nas coisas da escola e se uma ficava de castigo a outra também se colocava de castigo para ficarem juntas.

Uma situação triangular muito presente nos fatos clínicos vivenciados nos processos psicoterápicos de ambas é aquela em que Jaspe e Janice encontram-se em dois vértices do triângulo, enquanto padrasto está no terceiro – ao mesmo tempo como o excluído e o monstro violentador, aquele que não oferta nenhum tipo de suporte para o desenvolvimento emocional delas. A posição estabelecida pelas cogêmeas foi a de proteção mútua, tendo em vista que na infância, mesmo com poucos recursos, tentavam dar suporte uma à outra para lidarem com as violências vivenciadas. Como postulado no estudo desenvolvido por Mauer (2021), a relação gemelar é vivenciada por Janice e Jaspe como uma forma de sobrevivência mútua, um amparo emocional e físico que permitiu que elas se desenvolvessem emocionalmente, apesar das condições ambientais em que se encontravam. Jaspe conta que, depois que começou a falar para amigas e outras pessoas sobre o abuso que sofreu, percebeu o quão frequente esse tipo de coisa é, mas ainda não fala sobre isso com a irmã. Diz que é como se estivesse se colocando no lugar dela, porque não gostaria de ouvir a irmã dela contar o que sofreu; elas sabem que passaram por isso e é suficiente.

Diante das violências, entretanto, constata-se o quanto falta espaço para a palavra na relação entre elas. Há o conhecimento mútuo de que sofriam abusos do padrasto, mas não há nenhum tipo de conversa entre elas sobre esse acontecimento. Escutar a cogêmea verbalizar sobre o trauma sofrido seria como revivê-lo na própria pele. Nesse sentido, é possível supor que há também aspectos negativos dessa simbiose, em que os próprios sentimentos são confundidos com os da cogêmea.

Jaspe diz ainda "que elas parecem ter um acordo implícito de não dizerem que se amam, mas que ambas sabem". Questionada sobre como lida com isso, ela diz que "apenas ignora, e fica tudo certo". Esse acordo implícito pressupõe que elas não falem dos próprios sentimentos, nem dos negativos (os traumas do abuso e das violências sofridas) nem dos positivos. Ela relata que nunca falaram que se amavam, mas que ambas sabem que sentem amor uma pela outra. Chatelard e Cerqueira (2015) apresentam uma ideia de simbiose gemelar semelhante à vivenciada por Jaspe e Janice, em que ambas supõem saber como a cogêmea se sente e o que pensa sobre as situações que vivenciaram. Assim, o trauma e o amor vividos por ambas não passam pela palavra, pois ambas supõem já saber sem precisarem comunicar pela fala. Todavia, cabe lembrar que, mesmo tendo passado pela mesma violência sexual, cada uma elaborou e lidou com o ocorrido a seu próprio modo. De forma equivalente, mesmo que se amem, cada uma ama à sua própria

maneira; as suposições de ambas são apenas uma fantasia de que, de certa forma, partilhariam do mesmo aparelho psíquico.

Todavia, mesmo com as suposições de saberem mutuamente o que sentem, numa das sessões, enquanto reclama pela família exigir muito a sua atenção, Jaspe afirma que "nem com a cogêmea tem essa cobrança, que já passaram a vida toda juntas e agora estão numa fase de sair, conhecer e vivenciar coisas com pessoas novas que não são da família". Dessa forma, percebe-se que existe entre elas algum grau de individualidade, mesmo que em algum nível suponham saber o que a outra sabe sem precisarem se comunicar verbalmente.

Se a relação do padrasto com as cogêmeas era de violência, a relação da mãe com elas parecia ser de descaso quanto ao que sofriam. Segundo Janice, "minha mãe não fez nada sobre [os abusos], foi como se não tivesse acontecido algo. Não foi denunciado, nem nada." A noção de *mãe suficientemente boa*, formulada por Winnicott (1964/1982), se faz fundamental para a compreensão da relação de Janice e Jasper com a mãe. Refere-se à figura de cuidado que atende às necessidades do bebê, devotando-se inicialmente de forma quase total e, aos poucos, permitindo pequenas frustrações. Dessa forma, a mãe suficientemente boa não é perfeita, mas é capaz de atender às necessidades do filho sem negligenciá-lo; no entanto, também é capaz de frustrá-lo quando necessário.

Ao observar os fatos clínicos mencionados, constata-se que a mãe delas não cumpriu o papel de mãe suficientemente boa (Winnicott, 1964/1982), ou seja, não foi capaz de realizar o acolhimento e o cuidado às filhas, na medida em que ignorou as denúncias de abuso e as violências cometidas pelo padrasto. Isso posto, ressalta-se a importância da relação entre as cogêmeas para que pudessem se desenvolver nesse período da vida, em que não podiam contar com a presença da mãe para protegê-las e ajudá-las.

Janice conta que foi morar com essa tia porque seu padrasto "queria mexer com a gente" (ela e a cogêmea). Disse que, quando tinha uns nove ou dez anos, o padrasto a fazia tocá-lo. Durante alguns anos, esse comportamento se repetiu e ela não dizia nada a ninguém. Porém, um dia a tia ficou sozinha com ela e perguntou, e ela teve coragem para falar. Disse que hoje é um pouco mais tranquilo falar a respeito, mas que antes tinha muita vergonha do que acontecia, parecia que ela era a errada. E hoje, ela fica em cima das irmãs mais novas com medo de que aconteça com elas. Se emociona e chora falando sobre isso.

Enquanto a mãe não cumpria uma função materna suficientemente boa, a tia parece se apresentar para lidar com essa falha no desenvolvimento de Jaspe e Janice. A tia é quem as tira da situação de violência física e sexual tão presente na casa com a mãe e o padrasto. É com a figura da tia em cena que lhes

é possibilitado, de fato, o fim do ciclo da violência. Cabe então levantar as considerações de Gallo et al. (2020) sobre a possibilidade de o vínculo gemelar suprir ou remediar, de alguma forma, as falhas maternas. No entanto, segundo as autoras, mesmo que alguma necessidade possa ser satisfeita na relação com o cogêmea, a mãe continua a ser a figura central de cuidado, como responsável adulta que tem a capacidade para satisfazer as necessidades do filho. Nesse sentido, Jaspe e Janice conseguiam se apoiar mutuamente no ambiente em que se encontravam, mas necessitaram de uma figura adulta que realmente as tirasse desse ciclo e impedisse a violência de se perpetuar. Fazendo um paralelo com o conceito winnicottiano de mãe suficientemente boa, a tia entra em cena como *tia suficientemente boa*, capaz de perceber que as violências e os abusos ocorriam e tirá-las de tal situação.

Jaspe conta "Eu fico muito aliviada por ter acabado, mas sinto culpa por nunca ter feito nada." Perguntada sobre o que acha que poderia ter feito, diz que se sente culpada pela irmã ter falado, e não ela. "A minha irmã me salvou daquela situação, mas eu não a salvei. É sempre ela que faz as coisas por mim, nunca faço por mim mesma." Assim, quanto à denúncia sobre os abusos, Jaspe relata culpa por não ter denunciado o padrasto, pois é como se ela tivesse sido salva pela cogêmea, mas não a tivesse salvado. Segundo a lógica de Candeias (2013), de que gêmeas podem ser percebidas como um produto fragmentado, é como se Jaspe se visse como a cogêmea má em oposição a Janice, que seria a cogêmea boa.

Tendo em vista as percepções mencionadas, é possível fazer algumas conjecturas sobre a relação gemelar, a partir das considerações de Klein (1935/1996) a respeito dos conceitos de objeto bom e objeto mau. O bebê no início de sua vida se encontra na posição esquizoparanóide, percebendo a mãe de forma cindida: o seio bom, introjetado como objeto gratificante, e o seio mau, vivenciado como persecutório, quando a satisfação é adiada ou negada. Essa cisão é um mecanismo estruturante do ego primitivo, que ainda não suporta a ambivalência (a agressividade é projetada no seio mau, mantendo o seio bom "puro" e disponível para identificação). Por volta de quatro a seis meses, o bebê passa a experienciar a posição depressiva, na qual passa a reconhecer que o seio frustrador e o seio cuidador fazem parte do mesmo objeto total. Ou seja, mãe que frustra é a mesma que gratifica. Com essa integração emergem a angústia depressiva – o temor de ter destruído com o ódio o objeto amado – e os primeiros impulsos de reparação, configurando a base afetiva da culpa e do amor maduro.

Essa dinâmica pode adquirir contornos singulares no contexto da gemelaridade. Candeias (2013), Ramos (2021) e Reis (2015) apontam que,

em função de ser esperada inicialmente apenas uma criança, a representação mental dos filhos gêmeos como um único bebê pode ser mantida pelos pais, gerando fantasias de que os cogêmeos fazem parte de algo fragmentado, duas partes de um mesmo ser. Essas fantasias reverberam na forma como cada cogêmeo percebe a si mesmo e ao outro. Se o par gemelar for inconscientemente representado como fragmentos de um objeto único, torna-se possível hipotetizar que a lógica do seio bom e do seio mau se reedite na díade, isto é, que um dos cogêmeos seja investido como depositário das identificações positivas e o outro seja o receptor das projeções agressivas ou negativas. A existência concreta de dois sujeitos distintos oferece, assim, suporte real para manter a separação entre bom e mau, dificultando o movimento em direção à posição depressiva e à integração em objeto total dentro da própria relação gemelar. Assim, em vez de cada cogêmeo ser percebido em sua totalidade, detentor de aspectos bons e maus, cada um seria identificado como "o gêmeo bom" e "o gêmeo mau".

Essa cisão entre objetos é percebida na relação entre as próprias cogêmeas, já que Jaspe se reconhece como a cogêmea má, por considerar que nada fez em favor da irmã para tirá-la da situação em que se encontrava, enquanto põe Janice na posição de cogêmea boa, por ter denunciado os abusos. Em decorrência disso, Jaspe é tomada pela culpa, sentimento que tende a aparecer novamente em vários momentos de sua vida. Essa vivência a leva a sentir que não faz nada nem por si mesma, delegando a outros a tarefa de resolver seus problemas. Em seu processo psicoterapêutico foi preciso, como aborda Winnicott (1958/2022), reconhecer e tomar responsabilidade pelos próprios sentimentos, tanto ternos quanto agressivos, para poder integrá-los e poder se sentir capaz de realizar suas vontades sem se oprimir diante do que ocorreu no passado.

A gemelaridade na escuta psicanalítica

Com a análise dos fatos clínicos detectados foi possível perceber o quanto a gemelaridade ganhou uma centralidade na vida das quatro pacientes atendidas. Para as cogêmeas Selena e Diana, a questão do favoritismo dos pais ganhou contornos que afetavam suas relações interpessoais e parecia ter relação com a incapacidade de ambos tratarem as filhas como pessoas únicas portadoras de características próprias. Seus pais não conseguiam conceber a ideia de as filhas fazerem cursos diferentes, em momentos distintos, e tentaram impedir Diana de ingressar no curso em que havia conquistado vaga porque Selena não tinha sido aprovada também.

Nessa relação, Selena e Diana parecem ocupar um mesmo lugar na fantasia dos pais. Ao equacionar as necessidades de uma em ambas e tentando tratá-las da mesma maneira, os pais perderam a possibilidade de ter uma relação única com cada uma, e ambas as cogêmeas mostraram-se insatisfeitas, por sentirem que não eram ouvidas e consideradas na totalidade. Diana e Selena, nesse cenário, tendem a voltar-se uma contra a outra, por sentirem que não têm acesso aos pais por conta da cogêmea. Além disso, constatou-se uma dificuldade em reconhecer os próprios interesses e se perceberem separadas uma da outra na cidade em que moravam, distantes dos pais.

A partir da psicoterapia breve, algumas dessas questões puderam se desenrolar e encontrar outras saídas. Para Selena, foi possível realizar atividades que lhe fossem prazerosas, ela modificou sua alimentação e conseguiu se organizar para fazer atividades físicas. Passou também a fazer registros num diário, demarcando um espaço que era próprio dela. Já para Diana, havia um grande sentimento de incapacidade profissional, o qual poderia estar ligado ao fato de seus pais sempre terem frisado a importância de que ela não avançasse muito – caso sua cogêmea não conseguisse acompanhá-la. Com isso, evoluir profissionalmente poderia significar deixar sua cogêmea para trás, abandoná-la. Todavia, com o avanço do processo psicoterápico, ela foi capaz de se desenvolver em sua carreira profissional, mesmo que expressasse medo em algumas decisões.

Jaspe e Janice, por outro lado, encontraram na gemelaridade uma forma de se apoiarem e sobreviverem psíquica e emocionalmente. Diante do ambiente em que viveram nos primeiros anos de vida, em que suas necessidades não eram escutadas e em que sofriam violências físicas e abusos sexuais, o vínculo gemelar foi o que possibilitou a elas se estruturarem emocionalmente e se apoiarem diante da situação que vivenciavam.

Janice frequentou os atendimentos por apenas um encontro, mas, mesmo nessa única sessão, pôde falar sobre assuntos delicados e profundos. Nessa sessão, chorou e abordou um tema do qual raramente falava, permitindo-se ser acolhida pela psicoterapeuta.

Para Jaspe, o processo psicoterápico favoreceu o surgimento de transformações em sua relação com os próprios sentimentos. Nas sessões iniciais, ela se via em diversas situações de injustiça, nas quais se encontrava incapacitada para agir. Sua tendência era a de ignorar os incômodos, soterrá-los, mas tinha que constantemente lidar com esse sentimento que insistia em retornar. A partir da psicoterapia breve, pôde reconhecer os próprios sentimentos, deixou de negar partes de si mesma e deu espaço para que suas dores fossem comunicadas e ouvidas.

Conclusão

Neste estudo foi possível refletir sobre as nuances das relações triangulares, que podem ser vivenciadas por gêmeas de maneiras diferentes do que ocorre com indivíduos singulares. Além disso, foi possível tecer alguns paralelos entre os fatos clínicos detectados nos casos analisados e os fundamentos da psicanálise.

Ao relacionar os dados clínicos a achados de pesquisas anteriores, salienta-se a importância de o psicoterapeuta atentar para as possíveis formações inconscientes específicas da vivência gemelar. Cabe salientar, todavia, que a experiência de cada indivíduo gêmeo será única, por mais que partilhem de questões semelhantes. Assim, é importante que suas vivências emocionais não sejam generalizadas, mas que o profissional seja capaz de uma escuta clínica atenta a cada caso. Levanta-se também a importância de frisar o benefício que as pacientes atendidas em psicoterapia breve de orientação psicanalítica obtiveram ao poder olhar para suas questões afetivo-emocionais, chegar a conclusões sobre questões que tinham em aberto e passarem a tomar decisões mais benéficas para suas vidas.

Os dados da pesquisa evidenciam a importância de que mais estudos sejam realizados sobre a gemelaridade e sua escuta clínica, tendo em vista haver poucas pesquisas recentes. Espera-se, então, que este estudo fomente a produção de novas pesquisas científicas para ampliar os dados sobre o tema.

Referências

Candeias, M. F. C. (2013). *A representação materna da ligação mãe-filho na gemelaridade* [dissertação de mestrado]. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. https://hdl.handle.net/10451/9846

Chatelard, D. S.; Cerqueira, A. C. (2015). O conceito de simbiose em psicanálise: Uma revisão de literatura. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 18*(2), 257-271. https://doi.org/10.1590/S1516-14982015000200007

Donard, V. (2022). A contratransferência como instrumento norteador da pesquisa. In: N. N. B. Pinheiro, R. S. Peres, S. N. Cordeiro (Orgs.), *Pesquisas acadêmicas em psicanálise: Reflexões teóricas e ilustrações práticas*, p. 51-60. Pedro & João. https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/pesquisas-academicas-em-psicanalise-reflexoes-teoricas-e-ilustracoes-praticas/

Freud, S. (1914/2010). Introdução ao narcisismo. In: *Obras completas*, vol. 12, p. 13-50. Companhia das Letras.

Freud, S. (1917/2014). Teoria geral das neuroses. In: *Obras completas*, vol. 13, p. 324-613. Companhia das Letras.

Freud, S. (1920/2011). Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In: *Obras completas*, vol. 15, p. 114-149. Companhia das Letras.

Freud, S. (1923/2011). O eu e o id. In: *Obras completas*, vol. 16, p. 13-74. Companhia das Letras.

Gallo, B. C.; Reis, M. E. B. T.; Cordeiro, S. N. (2020). Individualização em gêmeos: Uma revisão integrativa. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 13*(1), e130101. https://doi.org/10.36298/gerais2020130101

Gueller, A. S. (2018). Par ou ímpar. In: A. Morgenstern, A. S. Gueller (Orgs.), *Atendimento psicanalítico de gêmeos*, p. 65-90. Zagodoni.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Estatísticas do Registro Civil 2010*. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2010_v37.pdf

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). *Estatísticas do Registro Civil, 2022*. https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html?edicao=39563

Joseph, E. D. (1975). Psicanálise – Ciência, pesquisa e estudo de gêmeos. *Revista Brasileira de Psicanálise, 9*(1), 83-114.

Klein, M. (1935/1996). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Obras completas de Melanie Klein*, vol. I, p. 301-330. Imago.

Lejarraga, A. L. (2010). A noção de amizade em Freud e Winnicott. *Natureza Humana, 12*(1), 85-104. https://pepsic.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000100003

Lewin, V. (1994). Working with a twin: Implications for the transference. *British Journal of Psychotherapy, 10*(4), 499-510. https://doi.org/10.1111/j.1752-0118.1994.tb00683.x

Marquez, I. S. M. A. B. (2008). *Gêmeos, subjetividade e narcisismo: Especificidades interferentes* [dissertação de mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/15687

Mauer, S. K. (2021). Configurações gemelares: Tensões entre o semelhante, o diferente e o alheio. *Revista PsiRelacional*, (1), 169-199. https://revistapsirelacional.pt/wp-content/uploads/2021/03/susana-mauer-revista-psirelacional-n1-marco-2021.pdf

Morgenstern, A.; Gueller, A. S. (2018). Do trabalho suplementar na constituição subjetiva de gêmeos. In: A. Morgenstern, A. S. Gueller (Orgs.), *Atendimento psicanalítico de gêmeos*, p. 21-42. Zagodoni.

Quinodoz, J.-M. (1994). Fatos clínicos ou fatos clínicos psicanalíticos?. *Revista Brasileira de Psicanálise, 28*(4), 613-634.

Ramos, G. D. G. (2021). *O que a clínica psicanalítica com gêmeos nos ensina? Efeitos e destinos da experiência gemelar* [dissertação de mestrado]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). https://doi.org/10.11606/D.47.2021.tde-06092021-160905

Reis, M. E. B. T. (2015). *Bebês gêmeos: Relacionamento afetivo e cuidados parentais*. Juruá.

Reis, M. E. B. T. (2022). Construção de fatos clínicos psicanalíticos. In: N. N. B. Pinheiro, R. S. Peres, S. N. Cordeiro (Orgs.), *Pesquisas acadêmicas em psicanálise: Reflexões teóricas e ilustrações práticas*, p. 97-110. Pedro & João. https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/pesquisas-academicas-em-psicanalise-reflexoes-teoricas-e-ilustracoes-praticas/

Reis, M. E. B. T.; Santos, B. L.; Souza, L. O. (2023). Se abusada fui, abusadora serei? Estudo exploratório com fatos clínicos psicanalíticos. *Revista Brasileira de Psicoterapia, 25*(1), 13-23. https://doi.org/10.5935/2318-0404.20230003

Reis, M. E. B. T.; Souza, D. S. H.; Carlos, V. (2023). Entre lutos e lutas: Vivências emocionais do idoso na clínica psicanalítica. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, 28*, e128301. https://doi.org/10.22456/2316-2171.128301

Rodrigues, R. P. (2025). *Entre semelhanças e diferenças: Clínica psicanalítica com gêmeas adultas* [dissertação de mestrado]. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. https://repositorio.uel.br/handle/123456789/18792

Schmidt, V. Z. (2016). Gemelaridade: O trabalho psicoterápico em busca de um self único. *Federación Psicoanalítica de América Latina*, 9.

Sheerin, D. F. (1991). Fundamental considerations in the psychotherapy of an identical twin. *British Journal of Psychotherapy, 8*(1), 13-25. https://doi.org/10.1111/j.1752-0118.1991.tb01153.x

Stewart, E. A. (2003). *Exploring twins: Towards a social analysis of twinship*. Palgrave Macmillan.

Szejer, M.; Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida da mulher: Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. Casa do Psicólogo.

Tavares, M. E. B. P. (2007). *Situações triangulares em gêmeos durante o primeiro ano de vida: Conjecturas sobre o complexo de Édipo* [tese de doutorado]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). https://doi.org/10.11606/T.47.2007.tde-05052008-151202

Vieira, A. O. M.; Branco, A. U. (2010). Cultura, crenças e práticas de socialização de gêmeos monozigóticos. *Psicologia em Revista, 16*(3), 575-593. https://pepsic.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000300010

Vollmer Filho, G. (1994). A conceitualização do fato clínico psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise, 28*(4), 673-687.

Wieczorek, R. T.; Kessler, C. H.; Dunker, C. I. L. (2020). O (f)ato clínico como ferramenta metodológica para a pesquisa clínica em psicanálise. *Tempo Psicanalítico, 52*(2), 185-213. https://doi.org/10.71101/rtp.52.467

Winnicott, D. W. (1958/2022). Psicanálise e o sentimento de culpa. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Ubu.

Winnicott, D. W. (1964/1982). *A criança e o seu mundo*. LTC.

Disponibilidade de dados

Os dados que sustentam os resultados deste estudo não podem ser disponibilizados, por terem sido obtidos de atendimentos clínicos em psicologia, devido ao sigilo dos atendimentos psicoterapêuticos.

Contribuição de cada autor/a para o artigo

Rafael Pedro Rodrigues: Coleta, análise e interpretação dos dados, discussão dos resultados, redação do manuscrito.

Maria Elizabeth Barreto Tavares dos Reis: Conceituação da pesquisa, administração do projeto, análise e interpretação dos dados, orientação da pesquisa, discussão dos resultados, revisão do manuscrito.

Agradecimentos e apoio

Este estudo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), código de financiamento 001.

Conflitos de interesses

Os autores declaram não haver potenciais conflitos de interesses relacionados ao artigo.

Editores responsáveis

Editor de seção: Renato da Silveira Borges Neto.

Editora-chefe: Jaqueline de Carvalho Rodrigues.

Recebido: 17 de fevereiro de 2025
Aceito: 14 de julho de 2026